

COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS EUROPEU E BRASILEIRO

Maria Aparecida Torres Morais*
Ilza Ribeiro*

Resumo: *O texto trata dos padrões de colocação dos clíticos argumentais no português europeu (PE) e português brasileiro (PB), com base em um corpus de língua escrita. Para descrever os contrastes entre as duas variedades do português foi escolhido um autor contemporâneo, Paulo Coelho, e seu livro O Alquimista, escrito em 1988.*

Palavras-chave: *clíticos; sintaxe; português europeu; português brasileiro.*

Introdução

É um fato lingüístico comum, observado em maior ou menor grau nas diversas línguas particulares, o distanciamento entre a forma da gramática da língua falada e a forma da gramática da língua escrita, principalmente a dos textos mais formais, incluindo os literários, que revelam influência marcante de padrões normalmente assimilados durante os anos de ensino escolar sistemático. Além disso, a escrita é mais conservadora e tem objetivos específicos que a particularizam em relação à fala. Portanto, é inegável e reconhecidamente válido, o fato de que o patrimônio escrito que a história vai acumulando seja construído no quadro de uma variante que, embora apresente uma margem de variação e inovação, tem contornos precisos assimilados ao longo do tempo. Ora, tal variante privilegiada é a chamada variante culta, ou “norma culta”, moldada e expandida pelos segmentos mais escolarizados de uma comunidade lingüística.

Partindo dessas constatações, uma questão interessante que pode ser explorada para o estudo do português brasileiro (PB), diz respeito à assimilação, por parte de nossos autores, de traços da variante culta brasileira, consagrados no registro oral, ou seja, de singularidades lingüísticas no nível morfossintático, semântico, lexical, notáveis quando tomamos como perspectiva de comparação a escrita de autores portugueses do presente.

*Professora da Área de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (DLCV/USP)

* Professor Adjunto de Lingüística da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

O reconhecimento de que existe a variante culta, não implica desconhecer, ou negar, que toda língua é um conjunto de variantes, determinadas por fatores de natureza social, geográfica, e cultural, as quais, sob o ponto de vista estritamente lingüístico, têm estatuto idêntico enquanto objetos de estudo, pois representam todas elas sistemas gramaticais plenamente organizados e estruturados, contribuindo para identificação de certos segmentos da comunidade lingüística que sistematicamente as usam.

Em particular, a realidade lingüística brasileira, polarizada e multifacetada, nos dizeres de Mattos e Silva (2001) e Lucchesi (2001), tem levado escritores, dramaturgos e poetas a demonstrarem, muitas vezes, sensibilidade e posicionamento diante das variações caracterizam o vernáculo, na sua relação com a língua falada, incluindo as formas que são produzidas por falantes cultos.¹

Sabemos que vários aspectos gramaticais do português culto falado no Brasil, com base nos dados do NURC (Norma Urbana Culta), foram levantados, descritos e analisados em diferentes perspectivas teóricas.² Fazendo um recorte no sistema pronominal, podemos destacar, entre muitos outros: (i) o uso do sujeito pronominal em contextos em que a flexão verbal é suficientemente rica para recuperar os seus traços gramaticais de número e pessoa (*eu estudo inglês; José; disse que ele; estuda inglês*); (ii) o uso de *você*, em lugar do *tu* e a preferência pela forma *a gente*, em lugar de *nós*, os quais, embora expressem pessoas específicas do discurso, - *você* é semanticamente de 2ª pessoa, e neste aspecto se equipara a *tu*; *a gente* é semanticamente 1ª pessoa do plural e nesse aspecto se equipara a *nós*, - levam a forma do verbo para a 3ª pessoa do singular;³ (iii) a baixa freqüência dos clíticos complementos, acusativos e dativos, para referir à 3ª pessoa, e sua substituição, entre outras, por duas estratégias específicas, a saber: o uso das formas tônicas, *ele, ela, você, vocês* -acompanhados de preposição obrigatória, no caso dos complementos dativos, e opcional, no caso dos complementos acusativos; e o uso da forma nula do pronome, conhecido como objeto nulo na literatura corrente; (iv) o rearranjo do sistema dos pronomes possessivos; (v) a próclise generalizada ao verbo principal.

Neste texto, o objetivo é descrever o padrão de colocação dos clíticos argumentais no PB escrito, contrastando-o com o português europeu (PE). Para ilustrar os contrastes, foi escolhido um autor contemporâneo, Paulo Coelho, e seu livro *O Alquimista*, escrito em 1988. A escolha não obedece a nenhum critério de avaliação literária da obra, ao contrário, baseia-se em dois fatores específicos: o primeiro é que a colocação dos clíticos, e uso de certas formas pronominais, assumidos pelo autor, refletem os padrões que identificam a variante culta brasileira, embora contrastem com os padrões cultos vigentes em Portugal. Ora, tal fato favorece uma abordagem e

¹ Como mostra Azevedo (2003), a modalidade não-padrão está também retratada em textos literários, na fala dos personagens, como parte da caracterização de seu status social e cultural. Para isso, criam-se recursos estilísticos para a representação das falas dos diferentes segmentos sociais, o caipira, as pessoas de baixa escolaridade, o estrangeiro, a mulher, o sertanejo que, ao mesmo tempo, constituem um contraponto, ou uma interação com o próprio texto literário do autor, enquanto narrador.

² Vale ressaltar que os estudos de natureza sociolingüística trouxeram novas perspectivas para o entendimento do PB, levantando e discutindo importantes problemas e questões da variação lingüística, as diferenças entre fala e escrita, a dimensão social dos falantes, escolaridade, sexo, idade, etc. Igualmente, os estudos na perspectiva dialetológica têm contribuído para a discussão da variação de natureza geográfica, a zona rural e urbana. Por fim, os estudos dentro da chamada teoria dos Princípios e Parâmetros, de orientação gerativista tem trazido um avanço teórico significativo para a compreensão do PB dentro do quadro geral das demais línguas românicas.

³ Algumas regiões brasileiras ainda mantêm a 2ª pessoa *tu*, ao lado de *você*. Observa-se porém, que na maioria delas, não se faz concordância entre os traços gramaticais de *tu* e o verbo.

identificação das variações que caracterizam o PB escrito no que se refere à sintaxe dos pronomes clíticos. O segundo fator é que o autor é “traduzido” em Portugal, o que possibilita que se possa comparar a sintaxe dos clíticos nas duas variedades da língua portuguesa.⁴

1. Considerações gerais sobre a colocação dos clíticos no PE e PB

A distribuição da ênclise e próclise em contextos de verbos flexionados e não - flexionados no PE moderno é muito conhecida (cf., entre outros, Duarte & Matos, 2000; Barbosa, 1996; Mateus & al, 2003; Raposo, 2004)⁵ e pode ser resumida nos seguintes termos: *na ausência de ativadores de próclise, a ênclise é o padrão normal*. Assim, a ênclise é categórica nas frases principais e coordenadas com o verbo em posição inicial (V1), com sujeito referencial, tópicos, e adverbiais de modo, tempo, lugar. A próclise é obrigatória nos outros casos, ou seja, nos contextos em que certos “ativadores de próclise” precedem o verbo, entre eles, as conjunções subordinadas, pronomes relativos, pronomes interrogativos e indefinidos, sujeitos quantificados, operadores de foco, operador de negação frásica, quantificadores de certa natureza.

Os dados históricos mostram que, até ao século XVI, o padrão de colocação dos clíticos no português evolui paralelamente ao de outras línguas românicas. A partir daí, os textos portugueses refletem um longo processo de variação, que já está superado a partir da segunda metade do século XIX. De fato, a tinta que escorre dos autores portugueses oitocentistas mostra que está estabelecida a ênclise como padrão dominante. (cf. Martins (1994), Torres-Morais (1995))⁶ Nos textos de autores brasileiros, porém, é mais difícil traçar a evolução desse padrão, uma vez que existe um distanciamento profundo entre a língua falada e a língua escrita.⁷

Com relação à colocação dos clíticos na gramática vernacular, incluindo a do falante letrado, os estudos quantitativos em diferentes *corpora* revelam que *a próclise tornou-se o padrão básico, normal, nos domínios finitos, e não finitos*, quer se trate de sentenças principais, coordenadas, subordinadas, e até imperativas. A próclise generalizada ao verbo principal aparece inclusive nos casos em que a ordem cl-V resulta no clítico em posição inicial. Os mesmos estudos constataram a perda dos clíticos dativos e acusativos de 3^a pessoa. Quando esses aparecem, embora continuem com a mesma forma, são usados em contextos de 2^a pessoa. Destaque-se que a primeira propriedade levou à perda da próclise, ou ênclise, ao auxiliar em certos complexos verbais (cf seção). A segunda, à perda, até mesmo na escrita formal, dos grupos de clíticos, *mo, to, lho, lha, no-lo, se-lhe*, etc.⁸

Atribui-se a distinção entre o PE e o PB quanto à preferência por ênclise vs. próclise nas frases em que estão ausentes os ativadores de próclise a fatores diversos, que

⁴ Paulo Coelho, 2000, *O Alquimista*. 158^a. Rio de Janeiro: Rocco. 248pp. (PB)

Paulo Coelho, 2000, *O Alquimista*. Lisboa: Pergaminho. 224pp. (PE).

⁵ Na *Gramática da Língua Portuguesa*, organizada por Maria Helena Mira Mateus & al. (2003), as autoras esclarecem que “A variedade de língua contemplada na obra é a norma-padrão do português europeu, embora em muitas circunstâncias se indiquem características de outras variedades nacionais, geográficas e/ou sociais”. p.17 No entanto, procuram esclarecer, relativamente ao caráter da obra, que ela “ não é uma gramática normativa , ou seja, não é um instrumento que regule o bom uso da língua. “ p. 17.

⁶ Para um estudo da sintaxe dos clíticos no português arcaico, cf. Ribeiro (1995a)

⁷ Para um estudo da evolução dos clíticos no PB, cf. Pagotto (1993), e Cyrino (1993).

⁸ Para resultados estatísticos baseados em análise do corpus do NURC, cf. Monteiro, 1991; Galves & Abaurre, 2002.

os limites deste texto não nos permite comentar (cf. entre outros, Nunes, 1993, Galves & Abaurre, 1996, Galves, 1999, 2001, 2003).⁹

Pode-se afirmar, porém, que a colocação proclítica dos pronomes complementos no PB parece bem mais estabelecida na fala do que na escrita. De fato, para dados escritos do PB, a primeira conclusão a que se chega é a de que, contrariamente ao que acontece em PE, tanto a próclise como ênclise são ainda possíveis nos contextos relevantes, embora a próclise seja o padrão normal.

É verdade que os textos escritos variam muito de autor para autor, estando a língua escrita condicionada pelo tipo de texto, o nível de formalidade, etc. Assim, sabemos que a escrita mais elaborada retoma o uso dos pronomes dativos e acusativos para a 3ª pessoa. Há ausência categórica dos pronominais tônicos *ele/ela/eles/elas* na função de objeto direto. Quanto à colocação dos clíticos, porém, como dissemos, embora haja variação entre próclise/ênclise, domina a próclise ao verbo principal, ou seja, prevalece a sintaxe normal de colocação do PB. A ênclise é retomada principalmente com o clítico acusativo de 3ª pessoa, nos complexos verbais com verbo principal no infinito: *eu vou chamá-lo* e não **eu o vou chamar*. Além disso, ocorre variação entre a subida do clítico para a forma flexionada nos complexos verbais e a ausência do movimento, dependendo da natureza dos verbos, ou formas dos clíticos como expresso no par contrastivo *o José o tinha visto* vs. *o José tinha me visto*.

Vale ressaltar que a escrita mostra ainda contextos resistentes de ênclise nas sentenças principais e coordenadas com V1, ou nos casos em que advérbios e outros elementos constituem uma curva entoacional distinta. Ora, são esses os contextos que colocam o clítico em posição inicial, altamente estigmatizados pela gramática normativa nos seguintes termos: *não se inicia sentença com pronome oblíquo*.

Um outro ponto que tem sido discutido recentemente é o da ênclise na escrita de universitários brasileiros, nos domínios exclusivos de próclise, a saber: sentenças subordinadas, relativas, e negativas. A escolaridade mais avançada cria uma imagem de que a ênclise é a forma culta, correta de colocação dos clíticos (cf. Ribeiro,). Além disso, os estudos em aquisição da linguagem (cf. entre outros, Kato, 1994) demonstram que os clíticos acusativos e dativos de 3ª pessoa, e a ênclise, são adquiridos no processo de educação formal, e não durante a fase de aquisição da língua materna. Segundo Galves (2003), o clítico acusativo que refere à 3ª pessoa “ne fait plus partie de la grammaire “noyau”, resultat de la fixation de la grammaire par l’enfant em situation naturelle d’apprentissage, mais de la “peripherie” acquise em situation formelle.” p.134. Dentro de uma perspectiva semelhante, Kato (2004) afirma que “No Brasil, ao contrário do que ocorre em Portugal, a gramática da fala e a “gramática” da escrita apresentam uma distância de tal ordem que a aquisição desta pela criança pode ter a natureza da aprendizagem de uma segunda língua. A situação é ainda mais problemática porque não há estudos comparativos entre o conhecimento lingüístico que a criança traz para a escola e o conhecimento dos letrados contemporâneos, comparação essa que poderia auxiliar a escola em sua tarefa de letramento.”p.1 É preciso, portanto, que se considere esses aspectos todos, para entender por que o contraste ainda atuante entre o registro oral e o registro escrito com relação à sintaxe dos clíticos e ao uso de certas formas pronominais cria dificuldades para a descrição do PB.

⁹ As diferenças que caracterizam a sintaxe dos clíticos no PE e PB já foram também descritas por alguns gramáticos, em particular, Said Ali (1908) e Teyssier (1978).

Como se disse na introdução, o objetivo deste texto é descrever a posição dos clíticos no PB escrito, comparando-o com o PE. Tal objetivo está ligado a um segundo: rastrear na escrita aspectos da sintaxe dos clíticos, próprios dos usos cultos no Brasil, em oposição aos usos cultos em Portugal. Para tal tarefa, foi escolhido *O Alquimista* de Paulo Coelho, pelos motivos anteriormente mencionados.

2. Padrões de próclise e ênclise nas sentenças principais com verbos finitos

No PE a ênclise ao verbo é categórica nas sentenças principais, com sujeito referencial, quando nenhum elemento que ativa a próclise está presente. No PB, ao contrário, a próclise é a colocação normal, independentemente da forma dos clíticos. Em (a), temos o PB; em (b), o PE.

- (1) a. O horizonte *se tingiu* de vermelho, e depois apareceu o sol.
b. O horizonte *tingiu-se* de vermelho, e depois apareceu o Sol.
- (2) a. Então o rapaz *se lembrou* que a conversa havia começado com o tesouro escondido.
b. Então o rapaz *lembrou-se* que a conversa tinha começado com o tesouro escondido.
- (3) a. **O rapaz *se aproximou* de uma mulher que havia chegado no poço...**
b. O rapaz *aproximou-se* de uma mulher que chegara junto do poço...
- (4) a. ...quando ele era criança, seu avô *lhe dissera* ...
b. ... quando era criança, o avô *dissera-lhe*...
- (5) a. ...o doceiro *lhe estendeu* o primeiro doce que havia feito.
b. ... o doceiro *ofereceu-lhe* o primeiro doce que acabara de fazer.
- (6) a. - Os guerreiros *os levaram* para lá.
b. - Os guerreiros *levaram-nos* para lá.
- (7) a. Os sacerdotes *as carregavam* num peitoral de ouro.
b. Os sacerdotes *traziam-nas* num peitoral de ouro.
- (8) a. - A Natureza *me conhece* como a mais sábia de todas as criaturas ...
b. - A Natureza *conhece-me* como a mais sábia de todas as criaturas ...
- Nos casos em que o verbo está no futuro do presente e futuro do pretérito, a impossibilidade da colocação proclítica produz a mesóclise no PE, contrastando com a próclise do PB.
- (9) a. **Ainda não conhecia este homem, mas os seus olhos experimentados *o reconheceriam*...**
b. Ainda não conhecia esse homem, mas os seus olhos experimentados *reconhecê-lo-iam*...
- (10) a. E a esta altura, os sinais *lhe indicarão* que seu tesouro está enterrado para sempre.

b. E nessa altura, os sinais *indicar-te-ão* que o teu tesouro está enterrado para sempre.

Como se disse, o PB escrito apresenta variação próclise/ênclise nos contextos em que a ênclise é categórica no PE. Isso se confirma nas sentenças com sujeito referencial, embora sejam raros os casos de ênclise, do tipo ilustrado em (11a-b):

- (11) a. O coração *contou-lhe* pela primeira vez suas grandes qualidades...(PB-PE)
b. O rapaz *levantou-se* com dificuldade...(PB-PE)

O contraste que se estabelece entre o PE e PB com os sujeitos referenciais manifesta-se também na presença do pronome pessoal, ou demonstrativo neutro, como sujeitos sintáticos:

- (12) a. ... e elas *se recusaram* a me receber.
b. ... e elas *recusaram-se* a receber-me.
- (13) a. - E eu *lhe ensino* como chegar até o tesouro escondido.
b. - E eu *ensino-te* como chegar ao tesouro escondido.
- (14) a. Ele *me parece* mais velho e mais sábio.
b. Ele *parece-me* mais velho e mais sábio.
- (15) a. ...e esta *se quebrou*...
b. ...e esta *quebrou-se*...
- (16) a. ...e isto *lhe deu* mais confiança.**
b. ...e isto *deu-lhe* mais confiança.

Novamente, observa-se o uso da mesóclise na variedade lusitana, em oposição à próclise brasileira na presença das formas de futuro do presente e futuro do pretérito.

- (17) a. Eu *lhe ensinarei* como conseguir o tesouro escondido.
b. Eu *ensinar-te-ei* como conseguir o tesouro escondido.
- (18) a. -Se não conseguir, nós *lhe oferecemos* humildemente nossas vidas...
b. -Se não conseguir, nós *oferecer-vos-emos* humildemente as nossas vidas...

Um importante aspecto do PB vernacular, que o diferencia do PE, é a ausência dos objetos clíticos de 3ª pessoa. Os estudos mostram que são escolhidas duas estratégias principais para substituí-los. Uma delas é o uso de um pronome nulo anafórico na posição que deveria ser ocupada pela contraparte lexical, nos mesmos contextos. Outra é a retomada do próprio sintagma nominal antecedente. Ambas foram encontradas no texto. (exs.27-29) O pronome acusativo também aparece realizado apenas no primeiro termo da coordenação. (ex.29)

- (19) a. O rapaz acordou uma a uma com seu cajado... (as ovelhas)
b. O rapaz acordou-*as* uma a uma com o seu cajado...

(20) a. Estava excitado e ao mesmo tempo inseguro: talvez a menina já tivesse esquecido.

b. Estava excitado e ao mesmo tempo inseguro: talvez a menina já o tivesse esquecido.

(21) a. Mas atirou com tanta força que ela bateu em outra pedra. (a pedra)

b. Mas atirou-*a* com tanta força que ela bateu noutra pedra.

(22) a. – Assim como eles estão, nenhum comprador vai querer comprar.

b. – Assim como eles estão nenhum comprador vai querer comprá-*los*.

(23) a. O rapaz ouvia sua voz, e achava mais bela que o barulho do vento nas folhas das tamareiras.

b. O rapaz ouvia a sua voz, e achava-*a* mais bela que o barulho do vento nas folhas das tamareiras

(24) a. Pegou seus livros e guardou nos sacos que pendiam do camelo.

b. Pegou nos seus livros e guardou-*os* nos sacos que pendiam do camelo.

(25) a. Tirou seu dinheiro do bolso e mostrou ao recém-chegado.

b. Tirou o dinheiro do bolso e mostrou-*o* ao recém-chegado.

(26) a. A maior parte ele tinha lido nos livros, mas iria contar como se tivesse vivido pessoalmente. (histórias)

b. A maior parte tinha-*as* lido nos livros, mas iria contá-*las* como se *as* tivesse vivido pessoalmente.

(27) a. Então começaram a bater *no rapaz*. Espancaram *o rapaz* até que aparecessem no céu

os primeiros raios de sol.

b. Então começaram a bater *no rapaz*. Espancaram-*no* até que aparecessem no céu os primeiros raios de Sol.

(28) a. *Os animais* então se queixavam, e os cameleiros desciam e desatolavam *os animais*.

b. *Os animais* então queixavam-se, e os cameleiros desciam e ajudavam-*nos*.

(29) a. Envolveu-*as* num lenço e tornou a colocar no bolso. (as moedas)

b. Envolveu-*as* num lenço e tornou a colocá-*las* no bolso.

O apagamento das formas lexicais dos pronomes também afeta os clíticos dativos de 3ª pessoa, inclusive dativos de posse, que são preteridos em favor da forma anafórica do pronome possessivo. (exs.34-35) Naturalmente, o uso do objeto nulo, tanto acusativo,

como dativo, não é categórico, o que se comprova facilmente pelos vários exemplos que estão sendo apresentados ao longo deste texto.

- (30) a. Um certo amigo tinha indicado a loja...
b. Um certo amigo tinha *lhe* indicado a loja...
- (31) a. Ela contou que era filha do comerciante...
b. Ela contou *lhe* que era filha do comerciante...
- (32) a. ...e pediu que voltasse no ano seguinte.
b. ...e pediu *lhe* que voltasse no ano seguinte.
- (33) a. As ovelhas, entretanto, tinham ensinado uma coisa muito mais importante...
b. As ovelhas, entretanto, tinham *lhe* ensinado uma coisa muito mais importante...
- (34) a. ... a velha segurava *suas* mãos.
b. ...a velha *lhe* segurava as mãos.
- (35) a. e o rapaz não podia ver *seus* olhos, nem *seus* rostos.**
b. e o rapaz não podia ver *lhes* os olhos, nem os rostos.

Observa-se ainda o apagamento do clítico *o* invariável no PB:

- (36) a. Não há vinho no país – disse o recém-chegado. - A religião não permite.
b. Não há vinho no país – disse o recém-chegado. - A religião não *o* permite.

A ênclise é obrigatória no PE em sentenças iniciadas por conjunções coordenadas aditivas, adversativas ou alternativas. No PB, ao contrário, embora possa haver variação próclise/ênclise(exs.44a-b), a próclise é a colocação normal. A mesóclise na versão portuguesa é a contraparte da próclise no PB. (ex.43)

- (37) a. - ...e *me levava* até as Pirâmides do Egito.
b. - ...e *levava-me* até às Pirâmides do Egito.
- (38) a. Depois apanhou as duas pedras no chão e *as recolocou* no alforje.
b. Depois apanhou as duas pedras no chão e *recolocou-as* no alforje.
- (39) a. Um jovem árabe, também carregado de malas, entrou no lugar onde o Inglês estava
e *o cumprimentou*.
b. Um jovem árabe, também carregado de malas, entrou no lugar onde o Inglês estava e
cumprimentou-o.
- (40) a. ...e *o fez* o mais rico entre os povos.
b. ...e *fê-lo* o mais rico entre os povos.
- (41) a.- Jamais repita isto. A vida pode escutar, e *lhe dar* menos da

próxima vez.
b. - Jamais repita isso. A vida pode escutar, e *dar-lhe* menos da próxima vez.

(42) a. Mas *me sinto* feliz de não ter esperado vinte anos para isto.

b. Mas *sinto-me* feliz de não ter esperado vinte anos mais.

(43) a. - O dinheiro permite que eu viva melhor, e *lhe devolverá* as suas ovelhas em pouco tempo.

b.- O que eu ganho permite-me viver melhor, e *devolver-te-á* as tuas ovelhas em pouco tempo

(44) a.O velho folheou o livro, e *distraiu-se* lendo uma página.(PB-PE)

Na presença de advérbios de modo, tempo, lugar, a ênclise é também categórica no PE. No PB predomina a próclise, embora não seja categórica. (exs.48a-b):

(45) a. - E de repente, *me pegava* pelas mãos

b. - E de repente, *pegava-me* nas mãos

(46) a. Depois *me ensinou* coisas belas...

b. Depois *ensinaste-me* coisas belas...

(47) a. - Então *nos acostumamos* com isto.

b. - Então *acostumamos-nos* com isto.

(48) a. No dia seguinte *deu-lhe* uma bolsa com três antigas moedas de ouro espanholas.(PB-PE)

b. Depois, *virou-se* para o rapaz.(PB-PE)

Às vezes o leitor encontra, em um único parágrafo, a realização de contextos variados que expressam o contraste entre o padrão lusitano e padrão brasileiro na sintaxe dos clíticos:

(49) a. Então *nos contemplamos* e *nos queremos*, e eu *lhe dou* vida e calor, e ela *me dá* uma razão para viver.

b. Então *contemplamo-nos* e *queremo-nos*, e eu *dou-lhe* vida e calor, e ela *dá-me* uma razão para viver.

Outro contexto de grande interesse para uma comparação entre o PE e PB é o das frases principais, em que o verbo é o elemento inicial (V1). Aqui a ênclise é categórica no PE, ao contrário do PB, que apresenta variação próclise/ênclise. É importante

ressaltar que a próclise com VI no PB é favorecida nas sentenças imperativas (exs.51-53).

(50) a. - *Me chamo* Fátima – disse a moça, olhando para o chão.

b. - ***Chamo-me* Fátima – disse a moça, baixando os olhos.**

(51) a. - *Me devolva* o livro – disse.

b. - *Devolva-me* o livro – disse.

(52) a. *Me dê* um décimo de suas ovelhas...

b. *Dá-me* um décimo das tuas ovelhas...

(53) a.- Se vamos nos separar logo – respondeu o rapaz – *me ensine* Alquimia.

b.- Se nos vamos separar em seguida– *ensine-me* Alquimia – solicitou o rapaz.

(54) a. - Tem sonhos, *se emociona*, e está apaixonado por uma mulher do deserto.

b. - Tem sonhos, *emociona-se*, e está apaixonado por uma mulher do deserto.

(55) a. Não procurem entrar na vida do oásis, concluiu, *se afastando*.

b. Não procurem entrar na vida do oásis, concluiu, *afastando-se*.

(56) a. - Conheci verdadeiros alquimistas – continuou. – *Se trancavam* no laboratório e tentavam evoluir como o ouro; descobriam a Pedra Filosofal.

b.- Conheci verdadeiros alquimistas – continuou. – *Fechavam-se* no laboratório e tentavam evoluir como o ouro; descobriam a Pedra Filosofal.

Os clíticos acusativos de 3^a pessoa *o/a/os/as/* têm um comportamento distinto, relativamente aos outros clíticos nos contextos V1 na variedade brasileira. A próclise gera a seqüência *me viu*, mas não a seqüência *o viu*. O que parece estar claro é que há uma preferência pela realização do sujeito pronominal, evitando o clítico em posição inicial, para todas as formas de clíticos.

(57) a. Ele *me pede* coisas e não me deixa dormir muitas noites, quando penso nela.

b. *Pede-me* coisas e não me deixa dormir muitas noites, quando penso nela.

(58) a. -Você *me falou* dos sinais.

b. - *Falaste-me* dos sinais.

(59) a. -Amanhã, nesta mesma hora, você *me traz* um décimo de suas ovelhas.

b. -Amanhã, a esta mesma hora, *traz-me* um décimo do teu rebanho.

(60) a.- No segundo dia que nos encontramos – disse Fátima – você *me falou* do seu amor.

b.- No segundo dia que nos encontrámos – disse Fátima – *falaste-me* do teu amor.

(61) a. -Eu quero que você seja minha mulher. Eu *te amo*.

b. - Quero que sejas minha mulher. *Amo-te*.

Embora haja predomínio da próclise com V1 no PB, a ênclise também é possível, o que confirma mais uma vez, a variação próclise/ênclise ainda vigente na língua escrita:

- (62) a. *Sente-se* e peça alguma coisa por minha conta – disse o rapaz.(PB-PE)
b. *Levantou-se* e tomou um gole de vinho.(PB-PE)
c. *Procurei-o* a manhã inteira – disse... (PB-PE)

- (63) a. *Contou-lhe* de sua vida de pastor...
b. *Falou-lhe* da sua vida de pastor...

Novamente, vejamos um aspecto da interpretação dos pronomes. Desta vez, são destacados do texto alguns casos em que o *lhe* é usado como objeto direto no PB. Esse uso é mais um efeito de seu estatuto como forma oblíqua do pronome *você*. A reanálise permite que a forma ocorra com verbos acusativos como pronome de 2^a pessoa:

- (64) a. - Lá você encontrará um tesouro que *lhe* fará rico.
b. - Lá encontrará um tesouro que *te* fará rico.
- (65) a. ... mas teve que pagar seis ovelhas porque eu *lhe ajudei* a tomar uma decisão.
b. ... mas tiveste que pagar seis ovelhas porque eu *ajudei-te* a tomar uma decisão.
- (66) a. Depois pediu que descobrisse onde Fátima dormia, e que *lhe acordasse*.**
b. Depois pediu que descobrisse onde a jovem dormia, e que *a acordasse*.
- (67) a. A visão logo sumiu, mas aquilo *lhe deixou sobressaltado*.**
b. A visão logo desapareceu, mas aquilo *deixou-o* sobressaltado.

De fato, como mencionado anteriormente, o uso do *você* em lugar do *tu* no PB favorece o emprego dos pronomes acusativos e dativos de 3^a pessoa e o pronominal *se*, em seu uso reflexivo, como forma de 2^a pessoa para referir ao falante. A extensão deste uso provoca ainda um rearranjo da concordância e abrange não apenas o sistema dos pronomes pessoais, mas também o dos pronomes possessivos e as formas do imperativo. Tudo isso cria importantes diferenças entre as duas variedades do português, uma vez que o uso do *tu* é muito produtivo no PE. Para ilustrar os termos da descrição, demos preferência aos diálogos:

- (68) a. - Por isso *lhe* falei que *seu* sonho era difícil.
b.- Por isso *te* falei que *o teu* sonho era difícil.
- (69) a. - Exatamente como *seu* avô *lhe* ensinou.
b.- Exatamente como *o teu* avô *te* ensinou.
- (70) a. - Entretanto, quero *lhe* pedir um favor.
b. - Entretanto, quero pedir-*te* um favor.
- (71) a.- Quem *lhe* ensinou a falar a linguagem do deserto e do vento?
b.- Quem *te* ensinou a falar a linguagem do deserto e do vento?

- (72) a. - *Seu* coração já é capaz de *lhe* mostrar o tesouro.
 b. - O *teu* coração já é capaz de *te* mostrar o tesouro.
- (73) a. - Como *você* fala espanhol? – perguntou.
 b. - Como é que *tu* falas espanhol? – perguntou.
- (74) a. - Vou esperá-*la* todos os dias aqui.
 b. - Vou esperar-*te* todos os dias aqui.
- (75) a. - Sente-*se*, que vou preparar um chá – disse o Alquimista.
 b. - Senta-*te*, que vou preparar um chá – disse o Alquimista.
- (76) a. - Beba e *se* distraia um pouco – disse o Alquimista,
 b. - Bebe e distrai-*te* um pouco – disse o Alquimista,
- (77) a. - Tenho orgulho *de você* – disse. – *Você* trouxe alma para a minha loja de cristais.
 b. - Tenho orgulho *de ti* – disse. – Trouxestes alma à minha loja de cristais.
- (78) a. - Agora ela é uma bênção, porque me deixa perto *de você*.
 b. - Agora é uma bênção, porque me deixa perto *de ti*.

Ainda dentro do sistema dos pronomes, podemos destacar a tendência observada no PB oral em substituir pronomes clíticos de 3ª pessoa pela forma tônica, introduzida pela preposição *a* ou *para*. O nosso corpus ofereceu exemplos da inovação:

- (79) a. - Diga *para ele* que o medo de sofrer é pior do que o próprio sofrimento.
 b. - **Diz-*lhe* que o medo de sofrer é pior do que o próprio sofrimento.**
- (80) a. ...a conhecer melhor seu camelo e a se afeiçoar *a ele*...
 b. ...a conhecer melhor o seu camelo e a afeiçoar-*se lhe*...
- (81) a. -Vamos, pergunta *a ela*!
 b. -Vamos, pergunta *-lhe*!
- (82) a. enquanto pensava se devia ou não contar *a ele* o que o velho dissera.
 b. enquanto pensava se devia ou não contar-*lhe* o que o velho dissera.
- (83) a. Para mostrar *a você* uma simples lei do mundo – respondeu o Alquimista.
 b. Para *te* mostrar uma simples lei do mundo – respondeu o Alquimista.
- (84) a. - Então, quando olho suas areias contemplo também *a ela*.
 b. - Então, quando olho as tuas areias contemplo-*a* também.
- (85) a. São as forças que parecem ruins, mas na verdade estão ensinando *a você* como realizar sua Lenda Pessoal.
 b. São as forças que parecem ruins, mas na verdade estão a ensinar-*nos* como realizar a nossa Lenda Pessoal.

Do que foi exposto na seção, podemos concluir:

(i) nas frases principais com verbos simples, depreende-se o seguinte padrão de colocação dos clíticos complementos:

PE: A ênclise é o padrão básico, sendo a próclise determinada pela ocorrência, em posição pré-verbal, dos chamados “ativadores de próclise”.

PB: Na ausência destes, há variação próclise e ênclise. O corpus analisado mostrou, porém, que a próclise é o padrão normal.

(ii) nas frases subordinadas, embora não tenham sido isoladas para descrição, obtém-se o seguinte:

PE : O padrão de colocação é a próclise.

PB: O padrão de colocação é a próclise, embora ocorram casos esporádicos de ênclise como ilustrado em (86a):

(86) a. - Mas quero um décimo do tesouro, se você *encontrá-lo*.

b. - Mas quero um décimo do tesouro, se *o encontrares*.

Na seção a seguir, retomamos os contextos acima descritos, com uma diferença importante em relação às formas verbais: trata-se agora de seqüências verbais constituídas de um verbo flexionado e um verbo na forma nominal, subdivididas em três conjuntos distintos. No primeiro, as formas verbais apresentam verbos auxiliares; no segundo, os chamados verbos de controle; no terceiro, os verbos de marcação excepcional de caso.¹⁰ Nesse último conjunto estão incluídos alguns verbos causativos e de percepção, os quais podem selecionar quer complementos de infinitivo, quer complementos de infinitivo flexionado.

3. Padrão de colocação dos clíticos com os complexos verbais.¹¹

3.1. Sentenças principais e subordinadas com os auxiliares *ter/haver/estar/ir*

Nas sentenças principais com os verbos auxiliares *ter/haver/estar/ir* e verbo principal no *infinitivo*, *gerúndio*, ou *particípio*, obtém-se os seguintes contrastes entre as duas variedades do português. O PE apresenta um padrão sistemático: *a ênclise ocorre ou ao verbo flexionado, ou ao verbo principal*. No PB há variação próclise e ênclise. No entanto, a próclise apresenta duas possibilidades: (i) *o pronome está proclítico ao verbo principal*. Este padrão distingue profundamente o PB do PE, uma vez que é uma estratégia inovadora, totalmente ausente da gramática lusitana, quaisquer que sejam os tipos de seqüências verbais, tanto nas sentenças principais como subordinadas; (ii) há um movimento longo do clítico que aparece em *próclise ao verbo flexionado*. (exs.88-89) Ora, no PE, tal movimento também está ausente nas sentenças principais sem os operadores de próclise. Vejamos os alguns exemplos, de acordo com cada contexto:

¹⁰ Os termos verbos de controle e verbos de marcação excepcional de Caso são definidos posteriormente.

¹¹ O termo complexo verbal é usado ao longo do texto em sentido mais amplo, e engloba tanto as chamadas locuções verbais, como as construções perifrásticas.

(i) sujeito referencial em posição pré-verbal.

(87) a. ...mas seu pai havia *lhe ensinado* o respeito pelos mais velhos.
b....mas o pai *tinha-lhe* ensinado o respeito pelos mais velhos.

(88) a.Os sinais *lhe haviam* contado isto.
b.Os sinais *tinham-lhe* contado isto.

(89) a. O velho *lhe havia* falado de sinais.
b.O *velho tinha-lhe* falado de sinais.

(90) a. Os cavalos vão *se cansando* aos poucos.
b.Os cavalos *vão-se* cansando aos poucos.

(ii) sujeito pronominal e /ou conjunções coordenadas em posição pré-verbal:

(91) a.- E você está *me guiando* em silêncio – disse o rapaz.
b.- O senhor *está -me a guiar* em silêncio – disse o rapaz.

(92) a.- E você está *me forçando* a ver riquezas e horizontes...
b.- E tu *estás-me* a forçar a ver riquezas e horizontes...

(93) a. - E ele vai *se transformar* em vento...
b. - E ele vai *transformar-se* em vento...

(94) a. E *tinham se entendido* perfeitamente.
b. E *tinham- se* entendido perfeitamente.

(95) a. E *tinha se esquecido* de dizer que...
b. E *tinha-se* esquecido de dizer que...

(96) a. ... e havia *lhe revelado* uma coisa que qualquer pai teria orgulho de saber.
b. ... e *tinha-lhe* revelado uma coisa que qualquer pai teria orgulho de saber.

(iii) ordem V1

Nas sentenças com verbo flexionado em posição inicial, há uma diferença no PB em relação aos contextos com verbo simples, e contextos com formas verbais duplas, a saber: com as formas verbais simples, a próclise ao verbo flexionado é o padrão normal; com os complexos verbais, o clítico não aparece em próclise ao verbo flexionado, mas à forma nominal do verbo. Ou seja, não há clítico em posição inicial absoluta. O contraste entre o PB e PE se faz, portanto, da seguinte forma: o PE apresenta *ênclise ao verbo principal*, e o PB *variação próclise/ênclise ao mesmo verbo*. No caso de ocorrer a ênclise, anula-se o contraste entre as duas variedades: (exs.98-100):

(97) a. - ... vou *me sentir* pior do que me sentia antes.
b. - ... vou *sentir-me* pior do que me sentia antes.

- (98)a. - Vim *dizer-lhe* uma coisa simples
b. - Vim *dizer-te* uma coisa simples

- (99) a. - Vou esperá-la todos os dias aqui.
b. - Vou esperar-te todos os dias aqui.

- (100)a.- Vai *casar-se* com Fátima e viverão felizes o primeiro ano.
b. - Vais *casar-te* com Fátima e viverão felizes durante o primeiro ano.

(iv) contextos com operadores de próclise

Quando há um operador de próclise, o que é categórico nas subordinadas, o PE coloca o pronome *em próclise ao verbo flexionado* ou *em ênclise ao principal*. Observe-se que a próclise ao verbo flexionado nas subordinadas configura um movimento longo do clítico, uma vez que ele é argumento do verbo principal. No PB, porém, nunca ocorre o movimento longo do clítico em tais contextos. O pronome *aparece em ênclise ao verbo principal*, como no PE (ex.101), ou *em próclise ao verbo principal*.

- (101) a. Assim que o vento parasse, ia *destituí-los* de seus comandos...
b. Assim que o vento parasse, ia *destituí-los* dos seus comandos...

- (102) a. Como tinha *se comportado* de maneira correta e justa por toda a sua vida...
b. Como se *tinha* comportado de maneira correcta e justa por toda a sua vida...

- (103) a. **...e da praça onde haviam *se encontrado* um dia;**
b. ... e da praça onde *se tinham* encontrado um dia;

- (104) a.- E quando ela *foi me mostrar* o local exato, eu acordei. Nas duas vezes.
b.- E quando ela *me foi mostrar* o local exato, eu acordei. De ambas as vezes.

- (105) a. - Pensei que *ia me ensinar* aquilo que sabe.
b. -Pensei que *me ia ensinar* aquilo que sabe.

O mesmo padrão se manifesta nas sentenças principais, na presença de operadores, entre eles, quantificadores, certos advérbios, negação.

- (106) a. -*Cada vez mais* a Lenda Pessoal vai *se tornando* a verdadeira razão de viver ...
b. -*Cada vez mais* a Lenda Pessoal *se vai* tornando a verdadeira razão de viver...

- (107) a. - As ovelhas *também* vão *se acostumar* com a minha falta ...
b. - As ovelhas *também* vão *acostumar-se* com a minha falta ...

- (108) a.- *Não* vou *lhe cobrar* nada agora ...
b.- *Não te* vou cobrar nada agora ...

- (109) a. ele *não* conseguia *se concentrar*.
b. *não* conseguia *concentrar-se*.

Embora não tenhamos espaço para discutir a variação próclise/ênclise do PE na presença dos “ativadores de próclise” nos diferentes contextos com complexos verbais, alguns autores têm afirmado que ela não é livre, mas condicionada por fatores de natureza diversa. (cf. Duarte & al, 2002)

3.2. Colocação dos clíticos com verbos de controle

Os chamados verbos de controle do tipo de *querer, desejar, prometer, poder, dever*, são predicados que têm uma função modal e aspectual, embora não sejam auxiliares. As estruturas na qual ocorrem caracterizam-se por uma sentença principal com verbo flexionado e sentença completiva com verbo no infinitivo. O sujeito do verbo no infinitivo é um pronominal (PRO), obrigatoriamente nulo, que tem sua referência controlada pelo sujeito e objetos do verbo finito. A estrutura abaixo, ilustra um caso com controle do sujeito:

O policial de trânsito *quer*_i [PRO_i *multar* os ciclistas]

Um conjunto de verbos de controle permite que o clítico, argumento do verbo não flexionado, se coloque em ênclise ou próclise ao verbo da sentença principal, fenômeno denominado *subida do clítico* na literatura corrente. Um outro conjunto de verbos não permite tal movimento, de modo que o clítico permanece em ênclise ao verbo principal nas sentenças infinitivas. Às vezes, pode ocorrer que, nos contextos dos verbos que permitem o alçamento, os objetos clíticos tanto permaneçam dentro da sentença completiva de infinitivo como sofram um movimento longo para cliticizar-se ao verbo finito.

Os limites deste texto não nos permitem comentar as diferentes propostas para o fenômeno da subida do clítico. O importante é assumir que ele sai de sua posição argumental para uma posição mais alta, para ser licenciado, uma vez que não encontra tais condições dentro da completiva. A opcionalidade do movimento, porém, é só aparente, e revela que os verbos de controle selecionam completivas de infinitivo com estruturas distintas: a primeira licencia os clíticos; a segunda não tem tal propriedade. Ou seja, os verbos de alçamento estabelecem uma dependência semântica em relação ao verbo da completiva que não se manifesta no caso em que o movimento do clítico não ocorre. É importante observar ainda que há propriedades contrastivas importantes entre verbos da mesma classe. Assim, verbos do tipo de *querer* e *desejar*, ambos volitivos, com controle do sujeito, diferenciam-se na medida em que *querer* é um verbo com alçamento de clíticos, enquanto *desejar* não o é. (ii) verbos cognatos de controle do objeto como *aconselhar* e *permitir*, não são verbos de alçamento no português, mas o são em outras línguas românicas. (cf. Martins, 2000)

O que os dados nos mostram é que, no PE, a *ênclise ao verbo principal* é o *padrão normal* nas estruturas de controle que não permitem o movimento longo do clítico, inclusive na presença dos operadores de próclise em posição pré-verbal. (ex.114) No PB, ao contrário, embora haja variação, *imperava a próclise ao verbo principal*, ou seja, o padrão inovador. Quanto aos verbos de controle que permite a subida do clítico, o PB novamente contrasta com PE no sentido de preferir a *próclise ao verbo principal*.(ex.111) A subida do clítico com verbos de controle é altamente marcada no PB e varia muito de autor para autor.

- (110) a. -Entretanto, quero *lhe pedir* um favor.
b. - Entretanto, quero *pedir-te* um favor.

- (111) a. -Por que quis *me ver?* – disse o rapaz.
b. - Por que *me quis ver?* – disse o rapaz.
- (112) a. ...e prometiam *me ensinar* os segredos da Arte.
 b. ...e prometiam *ensinar-me* os segredos da Arte.
- (113) a. - resolveu *me dar* aulas de Alquimia.
 b. - resolveu *dar-me* aulas de Alquimia.
- (114) a. *Também* tentava *se lembrar* de algumas boas histórias
 b. *Também* tentava *lembrar –se* de algumas boas histórias

Quando a forma verbal não-finita é antecedida por uma preposição, o padrão de colocação dos clíticos varia conforme a preposição. No PE a ênclise é categórica com a preposição *a*, ocorrendo *variação próclise/ênclise com as outras preposições*.¹² No PB há muita variação nos contextos preposicionados, o que não permite identificar um padrão. Não surpreende, porém, que haja ênclise categórica ao verbo introduzido pela preposição com os clíticos acusativos *o/a/os/as*, fato este já discutido na literatura. Nesses casos, anula-se o contraste entre o PE e PB. (exs.120-122)

- (115) a. ... depois *de lembrar-se* do mercador de cristais;
 b. ...depois *de se lembrar* do mercador de cristais;
- (116) a. ... começou *a lhe contar* as coisas da Alma do Mundo.**
 b. ...começou *a contar-lhe* as coisas da Alma do Mundo.
- (117) a. ...*para não sentir-se* humilhado com a própria ignorância.
 b. ...*para não se sentir* humilhado com a sua própria ignorância.
- (118) a.- Pois este é o único conselho que eu tenho *para lhe dar*...
 b. - Pois este é o único conselho que tenho *para te dar*...
- (119) a. Antes, porém, gostaria *de contar-lhe* uma pequena história.
 b. Antes, porém, gostaria *de contar-te* uma pequena história.
- (120) a.O rapaz tornou então *a lembrar-se* do sonho...
 b.O rapaz voltou então *a lembrar-se* do sonho...
- (121) a. ...quando o dono do armazém começou *a chamá-los para fora*.**
 b. ...quando o dono do entreposto começou *a chamá-los* lá para fora.
- (122) a.- Porque meu amigo viajou muitos meses *para encontrá-lo* -
 disse o rapaz.
 b. -Porque o meu amigo viajou muitos meses *para encontrá-lo* -

¹² A variação não é livre, como vários autores já apontaram, mas, novamente, deixaremos para outra oportunidade uma discussão dos fatores que a condicionam.

disse o rapaz.

3.3. Colocação dos clíticos com os verbos causativos e perceptivos.

Finalmente, vejamos a colocação dos clíticos em construções com os chamados verbos causativos - *mandar, fazer, deixar*-, e os verbos perceptivos – *ver, olhar*, e outros, que formam também um predicado complexo. O que particulariza as construções com os verbos causativos e perceptivos é que as sentenças completivas que eles selecionam pode apresentar um verbo no infinito ou no infinitivo flexionado.¹³ Além disso, a construção se define pelo fato de que o sujeito pronominal da completiva selecionada tem que ser realizado lexicalmente, ao contrário do que se viu acima com os verbos de controle.

Outra propriedade que define as construções com os verbos perceptivos e causativos é que o sujeito pronominal da completiva tem as marcas do caso acusativo e não do caso nominativo, como seria de se esperar. Daí a denominação dada a estes verbos, de verbos de marcação excepcional de caso. Assim, o que temos são sentenças como: *A mãe deixou a criança sair de casa / A mãe deixou-a sair de casa. O Pedro viu o amigo entrar no cinema / O Pedro viu-o entrar no cinema.*

No PB coloquial, porém, a marca do caso acusativo no sujeito pronominal das completivas dos verbos de marcação excepcional de caso se perde. O que temos são construções do tipo: *A mãe deixou ela sair de casa. O Pedro viu ele no cinema.* Ora, esta reanálise é ainda estigmatizada na variante culta escrita do PB.

Apesar disso, a colocação dos clíticos ao verbo da principal, nos contextos dos verbos de marcação excepcional de caso, não apresenta o mesmo padrão do PE. Ou seja, no PE os sujeitos clíticos subcategorizados pelos verbos das completivas de infinitivo não flexionado ocorrem obrigatoriamente *em ênclise ao verbo da principal*, mesmo na presença de operadores de próclise na completiva. No PB, porém, os clíticos ocorrem *em próclise ao verbo da principal*. O interessante é que tanto a ênclise lusitana, quanto a próclise brasileira aos verbos perceptivos ou causativos, configura o fenômeno da subida dos clíticos. O contraste ênclise/próclise das duas variedades do português, nestes contextos, ficou claro no nosso corpus, como mostram os exemplos abaixo:

(123) a. As sentinelas *o deixaram passar*;

b. As sentinelas *deixaram-no* passar;

(124) a. Tinham achado a resposta muito engraçada, e *os deixaram* partir

b. Tinham achado a resposta muito engraçada, e *deixaram-nos* partir

(125) a. Ele *me mandou* tentar.

b. *Mandou-me* tentar.

(126) a. As pessoas *me viam* chegar e me recebiam bem.

b. As pessoas *viam-me* chegar e me recebiam bem.

Conclusão

¹³ Não trataremos aqui da colocação dos clíticos nas completivas com os verbos no infinitivo flexionado.

A gramática dos clíticos que se revela no corpus escolhido mostra que o conhecimento lingüístico do letrado brasileiro se distancia tanto da gramática do passado como da gramática do letrado português. E um dos aspectos desta gramática inovadora, sem dúvida de extrema relevância, é a próclise ao verbo principal nos complexos verbais.

De fato, como se comentou ao longo do texto, este aspecto da gramática dos clíticos no PB é absolutamente inovador e não se encontra nem no passado da língua, nem na escrita portuguesa contemporânea. A esta inovação, a gramática normativa não conseguiu atingir, ou estigmatizar. Entretanto, a gramática normativa atua para evitar, na escrita, certos usos já canonizados na fala. No texto estudado, a afirmação pôde ser evidenciada tanto na ausência do uso do pronome *ele/ela/eles/elas* como objeto direto, como na ausência dos pronomes nominativos nos complexos verbais formados por verbos perceptivos e causativos.

Portanto, embora a escola recupere os pronomes clíticos, o que prevalece é a gramática inovadora, isto é, a próclise ao verbo principal, quer este seja uma forma flexionada, quando ocorre isoladamente, quer seja uma forma não flexionada, nos contextos dos complexos verbais.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO Milton M. *Vozes em branco e preto*. São Paulo, EDUSP. 2003.
- BARBOSA, Pilar. Clitic placement in European Portuguese and the position of subjects. In: HALPERN, Aaron L. et al. (orgs.) *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford: CSLI Publications. P. 1-40. 1996.
- CYRINO, Sonia Maria L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian e KATO, M. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP. P. 163-184.1993.
- DUARTE, Inês; MATOS Gabriela. Romance clitics and the minimalist program. In : COSTA João (Org.) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*, Oxford. Oxford University Press. P.116-142. 2000.
- DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela; GONÇALVES, Anabela. Clíticos especiais em Português Europeu e Brasileiro. ms. Lisboa. 2002.
- GALVES, Charlotte. Agreement, Predication and Pronouns in the History of Portuguese. In J. Costa. (org.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press. P. 143-190. 2000.
- _____. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, Editora da UNICAMP. 2001.
- _____. Clitiques et accord en portugais de Brésil. In : SCHLIEBEN-LANGE B ; KOCH, I.V. & JUNGBLUTH, K. (Orgs.) *Dialog zwischen den Schulen*. Münster, Nodus Publikationen. P. 131-154. 2003.
- GALVES, C. e ABAURRE M. B. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. e BASÍLIO M. (Orgs). *Gramática do Português Falado*. Vol IV. *Estudos Descritivos*. Campinas, Editora da UNICAMP. P.267-312. 2002.
- KATO, Mary. Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança sintática.”Congresso Internacional sobre o Português. ms. Lisboa.1994.
- _____. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. In: *PROBUS* 11,1. P 1-37. 1999.

- _____. A gramática do Letrado. ms. UNICAMP. 2004.
- LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). In: *D.E.L.T.A.* 17,1. P. 97-130. 2001
- MARTINS, Ana Maria. História do clíticos no Português. Universidade de Lisboa. Tese de doutorado. Lisboa. 1994.
- _____. A minimalist approach to clitic climbing. In : COSTA João (Org.) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*, Oxford. Oxford University Press. P.169-190. 2000.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.) *Para a história do português brasileiro: Primeiros Estudos*. São Paulo, Humanitas. P. 275-301. 2001.
- MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa, Caminho. 2003.
- MONTEIRO, José. *Pronomes pessoais*. Fortaleza, EUFC. 1994.
- NUNES, J. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, Ian e KATO, M. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP. P. 207-222.1993.
- PAGOTTO, Emílio. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, Ian e KATO, M. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP. P. 185-206.1993.
- RAPOSO, Eduardo. Colocação dos clíticos nas línguas românicas: aspectos universais e aspectos particulares. ms. UCSB. 2004.
- RIBEIRO, Ilza. Evidence for a verb-second phase in old Portuguese. In: BATTYE, Adrian e ROBERTS, Ian (Orgs.) *Clause Structure and Language Change*. Oxford, Oxford University Press. P. 110-139. 1995.
- SAID ALI, M. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro/S. Paulo: Laemmert & C. 1908.
- TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo, Martins Fontes. 1978.
- TORRES-MORAIS, Maria Aparecida. Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo. Tese de doutorado. UNICAMP. 1995.

Abstract: *This paper deals with the patterns of argument clitic placement in European Portuguese (EP) and Brazilian Portuguese (BP), and it is based on a written language corpus. In order to describe the contrasts between the two varieties of Portuguese, a contemporary author, Paulo Coelho, was chosen, as well as his book O Alquimista, written in 1988.*

Key-words: *clitics; syntax; European Portuguese; Brazilian Portuguese.*